
O IMPACTO DAS EXPORTAÇÕES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE*

Aldemir do Vale Souza**

Resumo

Neste trabalho, destaca-se a importância do comércio, em particular do comércio inter-regional, para argumentar que as exportações cumpriram um importante papel na dinâmica do emprego regional até meados da década passada. Para ilustrar sua hipótese, o autor utiliza as matrizes de insumo-produto do Nordeste (1980/85) para estimar o total dos empregos (diretos e indiretos) vinculados às exportações, a partir do agrupamento de estimativas segundo os diferentes mercados regionais e o internacional. A análise dos resultados revela a importân-

* *Este trabalho recebeu apoio do CNPq, que concedeu bolsa de pesquisa individual ao autor. Agradeço os comentários de Tarcisio Patricio de Araujo e Nali de Jesus de Souza.*

** *Da CEPLAN — Consultoria Econômica e Planejamento, e professor da Universidade Federal de Pernambuco.*

cia da redução do déficit comercial com a economia paulista e suas implicações no emprego da indústria regional. De maneira indireta, o trabalho sustenta uma posição que diverge da noção de que o desenvolvimento regional teria se dado de forma dependente, sendo considerado uma anomalia o fato de as empresas incentivadas voltarem-se predominantemente para mercados não regionais. O autor está de acordo com a visão de que o desenvolvimento industrial da região dependeu de importações de insumos, bens de capital e poupança de outras regiões, em particular do Sudeste do país, mas discorda da ênfase que se atribui a esse aspecto e se opõe à crítica quanto ao principal mercado da indústria regional.

1 Introdução

Este trabalho discute algumas idéias sobre o que chamo de *problema do emprego regional*, e é desenvolvido com base em duas preocupações centrais. Primeiro, argumentar a partir de minha insatisfação em relação a um juízo bastante difundido na literatura especializada: a industrialização regional teria contribuído modestamente para solucionar o problema do emprego, em decorrência sobretudo da forma como a nova indústria se integrou às demais regiões, seja quanto às fontes de suprimento de insumos industriais e bens de capital fixo, seja quanto à localização de seu mercado.

O IMPACTO DAS
EXPORTACOES NO
EMPREGO
REGIONAL: UM
ASPECTO POUCO
CONSIDERADO NA
POLITICA DE
DESENVOLVIMENT
O DO NORDESTE

O equívoco se manifesta, a meu ver, não na constatação de que o problema do emprego não tinha sido, afinal, solucionado, mas na consideração implícita da possibilidade de autonomia de uma economia regional — uma clara influência da visão do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) [Brasil. SUDENE (1967)] —, algo implausível dado o de-senvolvimento da economia brasileira, com suas diferenças inter-regionais e a concentração que lhe é inerente.¹

A segunda preocupação é o interesse de contribuir com o debate, mudando o foco da análise: é necessário considerar que, se os investimentos na indústria regional repercutiram positivamente nas demais regiões, em particular no Sudeste, não são negligenciáveis os efeitos das exportações da nova indústria na renda e no emprego regionais, principalmente para aquela região. De fato, sustentamos que as exportações, em particular das indústrias de transformação, tiveram um papel importante para atenuar o declínio no nível de emprego formal da região, durante a recessão da economia brasileira, entre 1981 e 1983.

Para fundamentar a análise dessa questão, utilizo um conhecido método de estimativa de emprego vinculado a compo-

¹ *Uma síntese dessas idéias encontra-se em Araújo (1981).*

centes da demanda agregada (reproduzido no segundo capítulo deste trabalho), para estimar os níveis de emprego associado às exportações industriais, e faço uma descrição sucinta das fontes de informações estatísticas usadas. No terceiro capítulo, além de uma análise dos dados gerais de comércio inter-regional e internacional, são feitos uma apresentação e comentários dos resultados alcançados com as estimativas feitas. O quarto capítulo contém uma síntese da contribuição das exportações industriais em vista dos demais componentes da demanda agregada, e esses resultados são comparados a estatísticas de níveis setoriais de emprego. Por último, o quinto capítulo é dedicado às conclusões.

2 O Método de Estimativa do Emprego Relacionado ao Comércio

2.1 O Método

O modelo estático e aberto de Leontief é aqui usado para estimar o emprego vinculado às exportações regionais. Em notação matricial, o modelo é representado por:

$$(1) \quad Ax + y = x$$

em que x é um vetor de produção bruta setorial; e y , um vetor de demanda final dos produtos setoriais, equivalente à soma do total de consumo, investimento e exportações. A , obtida de um quadro contábil de fluxos setoriais de consumo de insumos produzidos, é a matriz formada pelos coeficientes de consumo intermediário (a_{ij}), que expressam o consumo setorial como uma proporção constante da produção do setor ($x_{ij} = a_{ij} x_j$) e são considerados constantes. Supondo-se a demanda final y como exógena (ou qualquer um de seus componentes isoladamente), pode-se estimar a produção bruta total x (direta e indireta) capaz de sustentá-la:

$$(2) \quad x = (I - A)^{-1} y$$

Nessa equação, I é a matriz identidade e $(I - A)^{-1}$ é a inversa da matriz de Leontief.²

De maneira similar à relação entre consumo intermediário e produção setorial, adota-se a mesma hipótese de proporcionalidade, ampliando-a para contemplar a relação que existe entre o nível de produção e os requisitos setoriais de trabalho.³ Pode-se estimar assim o total do emprego, fazendo l_j representar o emprego direto por unidade de produção bruta (x):

$$(3) l_j = l_j x_j; \quad (j = 1, 2, 3, \dots, n)$$

em que L_j representa o total dos requisitos de trabalho no setor j , sendo o total do emprego (direto e indireto) em toda a economia dado por:

$$(4) L = \sum_{j=1}^n l_j x_j$$

Pode-se expressar o lado esquerdo da equação (4) por um vetor p , e o lado direito, por uma matriz diagonal A_p , obtendo-se os requisitos unitários de trabalho de cada setor por:

$$(5) p = A_p x$$

Com base nesta última e na equação (2), é possível obter-se uma estimativa da quantidade de trabalho total associada à demanda final, y :

² Nas estimativas aqui feitas, utiliza-se uma variante desse modelo, em que $A = DB$, na qual D é uma matriz de market-share (dimensão atividade x produto), e B é uma matriz de consumo intermediário (dimensão produto x atividade). Para uma apresentação dessa variante do modelo aberto de Leontief, ver Souza (1992).

³ O próprio Leontief (1960, p. 169) sabia dos problemas que essa generalização acarretava, notando que... "os requisitos de trabalho de uma indústria não mudam, obviamente, na proporção direta a aumentos ou decréscimos na sua produção, embora, corrigidas as variações na extensão da semana e dia de trabalho, a relação possa ser, em muitos casos, mais constante do que parece à primeira vista".

$$(6) p = A_p(I - A)^{-1} y$$

Calculam-se, então, os requisitos de trabalho direto e indireto necessários para a produção vinculada às exportações, substituindo y pelo vetor E de exportações setoriais:

$$(7) p^e = A_p(I - A)^{-1} E$$

Nos cálculos aqui feitos, cujos resultados são analisados no próximo capítulo, o emprego foi estimado para as exportações por vias internas e internacionais a partir da base de informações descritas a seguir.

2.2 A Base de Informações Usadas

A base de dados para a estimativa do emprego vinculado ao comércio inter-regional e internacional são as matrizes de insumo-produto regionais (anos 1980 e 1985), e as informações regionais de exportações e importações por vias internas e internacionais. As matrizes foram obtidas, em fita magnética e disquetes, junto ao Banco do Nordeste do Brasil.⁴

Os dados de comércio eram coletados e produzidos pela Coordenação de Planejamento Regional da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que publicou a série completa, cobrindo todos os estados nordestinos, de 1974 a 1980 [Brasil. SUDENE (1985)]. Não existem informações publicadas depois desse último ano.⁵ A fonte dos dados de importações e exportações internacionais são tabulações especiais do Ministério da Fazenda/Coordenação de Informações Econômico-Fiscais (CIEF) e da Carteira de Comércio

⁴ Posteriormente, ambas foram publicadas em BNB. ETENE-IPEAD (1992).

⁵ Em 1985, o convênio de coleta dos dados entre as secretarias da Fazenda dos estados e a SUDENE foi encerrado. Os dados de 1981 a 1985 foram obtidos de tabulações especiais da Coordenação de Planejamento Regional da SUDENE. Os anos de 1981 e 1982 estão completos; 1983 inclui todos os estados, exceto Pernambuco; não existem informações para 1984; o ano de 1985 não inclui os estados de Alagoas e Bahia. As informações para o ano de 1991 foram extraídas de IAF (1993).

Exterior (CACEX)/BB, obtidas via SUDENE, que recebe cópias de fitas magnéticas contendo as informações.

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

Para estimar o número de empregos vinculados às exportações, as estatísticas de comércio foram trabalhadas para serem adequadas ao formato das matrizes. Para isso foi necessário: (i) converter os dados de exportações (valores FOB) da Classificação da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM) para a classificação N100 da matriz, com o uso de um *Tradutor NBM-N100 Matriz* adquirido junto ao IBGE. Esse programa converte a classificação em nível de produto da NBM para uma agregação de 129 grupos de produtos da matriz; (ii) comparar as informações obtidas em (i) aos vetores de grupos de produtos das matrizes, para checar eventuais inconsistências quanto às exportações. Esse procedimento é indispensável porque a fonte de dados de consumo intermediário e produção das matrizes são os censos econômicos, que levantam informações dos estabelecimentos, enquanto que, no caso do comércio por vias internas, a fonte são as informações registradas em notas fiscais. Isso significa que pode haver uma superestimação quanto ao valor das exportações efetivamente feitas, quando o produto é importado e não é produzido por estabelecimento local e, de fato, é reexportado; (iii) agregar os vetores de exportações, obtidos em (i), para a classificação de dois dígitos usada pelo IBGE. Para isso, usou-se **D** (a matriz de *market-share*) na agregação 36 x 129 (atividade x produto) que, premultiplicada aos vetores, gera os resultados na classificação mais agregada de 36 atividades; e (iv) deflacionar os valores dos vetores de exportações e importações e do vetor de produção da matriz de 1985 a preços constantes de 1980; este último é necessário para o cálculo dos coeficientes diretos de trabalho. Usou-se o deflator implícito do PIB.

Além desses procedimentos que visam o alcance de algum grau de homogeneidade e comparabilidade entre as diferentes fontes de informação, supõe-se que o valor das exportações corresponde ao valor da produção exportada do ano

considerado, e não representa, portanto, valores de estoques ou de re-exportação de produtos não produzidos na região.

Embora essas limitações sejam consideráveis, não comprometem a análise. Pode haver alguma utilidade, por exemplo, em examinar a extensão e o sentido das mudanças na estrutura setorial do emprego como consequência das alterações no comércio inter-regional e internacional.

3 Análise dos Resultados

3.1 As Relações Comerciais

É fato conhecido que o Nordeste é uma região deficitária em suas relações comerciais — situação estrutural explicada por um déficit recorrente no comércio inter-regional e um superávit comercial com o resto do mundo. Sendo este último apenas uma fração do primeiro, a região é deficitária em seu comércio, e a diferença entre os saldos, que equivale a um déficit global, deve ser financiada, sob várias formas, por recursos destinados à região.

O financiamento de um déficit comercial não tem, no caso regional, a relevância que assume para a economia de um país, até porque na região não se apresentam os problemas nacionais de financiamento decorrentes de um desequilíbrio na conta corrente do balanço de pagamentos. Maia Gomes e Vergolino (1994, p. 42, rodapé 4) observaram que o financiamento de parte dos déficits comerciais do Nordeste é feito por movimentos de capital, tais como as transferências do Fundo de Investimento do Nordeste (FINOR), Fundo Constitucional do Nordeste (FNE) e os financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e da rede bancária, todos líquidos dos pagamentos para essas fontes feitos pelos residentes na própria região.⁶

⁶ Estes autores referem-se ao estudo de Sindeaux, Queiroz e Chaves (1994), que contém estimativas parciais dos movimentos de capital.

É dessa perspectiva que se deve analisar o crescimento sustentado das exportações para outras regiões, no período a partir de 1975 até o início dos anos 80 — tendência que contrasta com o comportamento errático das importações, que se reduzem drasticamente a partir de 1980 (ver gráfico 1), a ponto de se configurar um superávit comercial regional, em 1983.⁷

Embora esse superávit possa estar associado às expectativas desfavoráveis ao investimento ao longo do ciclo recessivo do triênio 1981/1983, a drástica redução das importações inter-regionais não pode ser atribuída a uma queda na renda regional.⁸ Muito provavelmente, esse é um resultado decorrente da desaceleração dos investimentos industriais, que possivelmente causaram uma diminuição das importações inter-regionais de bens de capital.⁹

Por outro lado, o crescimento sustentado das exportações, que faz um contraste notável com a situação que prevaleceu na década anterior,¹⁰ é um resultado da maturação dos projetos implantados na região na segunda metade da década de 60 e nos anos 70, quando a entrada em cena do Complexo Petroquímico de Camaçari possibilitou a expansão das exportações inter-regionais de bens intermediários.

Em conjunto, este e os demais projetos industriais certamente contribuíram para alterar o significado dos déficits comer-

⁷ Os resultados deste capítulo, excetuando-se as referências feitas, baseiam-se em Souza (1995).

⁸ De fato, nesse período da crise da dívida, enquanto o produto da economia brasileira declinou -2,2%, o PIB regional creceu 2,6% [Maia Gomes e Vergolino (1994, tabela 1.2, p. 12)].

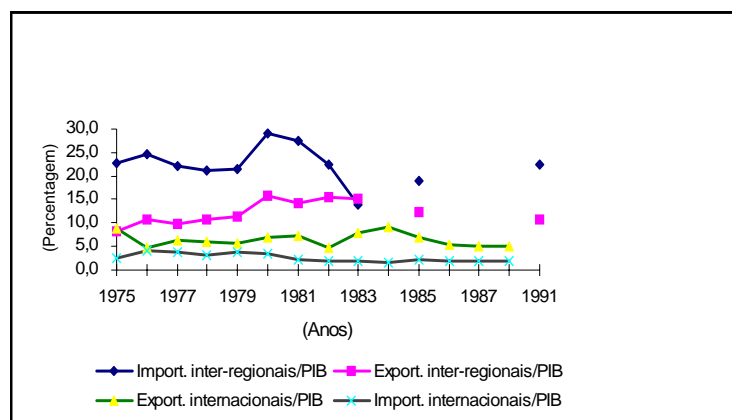
⁹ As importações de bens de capital, com efeito, caíram de 26,6% do total das importações inter-regionais, em 1975, para 24%, em 1980, e 15,9%, em 1985. Essa comparação foi feita a partir da tabela 5.6 de Brasil. SUDENE (1985) e as tabulações especiais para o ano de 1985.

¹⁰ Goodman e Albuquerque (1974, p. 71) notaram que, entre 1957 e 1964, as exportações totais "revelam pouco dinamismo", enquanto as exportações para o resto do país estavam "virtualmente estagnadas".

ciais inter-regionais, e o papel das exportações de bens intermediários consolidou-se como uma importante variável estratégica do crescimento da indústria regional. Essa situação contrasta significativamente com a observada em 1968, quando, segundo Goodman e Albuquerque (1974, p.71), o déficit alcançou 19,4% do PIB regional em consequência de um crescimento acelerado das importações, como resultado das transferências de recursos do setor público e do sistema de incentivos fiscais para estimular o desenvolvimento regional.

GRÁFICO 1

Nordeste: Participação das Transações Comerciais no PIB Regional



Fonte: SUDENE, PIB e comércio de 1975-1983 e 1985; MF/CIEF/CACEX — comércio internacional de 1975-1988; e IAF (1993) — comércio inter-regional de 1991.

Ao contrário da situação favorável dos primeiros anos da década de 80, a partir de 1984 as exportações inter-regionais se estabilizaram e, aparentemente, as importações voltaram a crescer, o que causou a expansão do déficit comercial inter-regional. Utilizamos a expressão *aparentemente*, porque não existem informações disponíveis para se saber o que te-

ria realmente acontecido naquele momento. Ao mesmo tempo, a desaceleração das exportações nordestinas, no *front* externo, deve ter induzido uma elevação do déficit regional global, o qual provavelmente teria voltado aos níveis de 1975.¹¹

O IMPACTO DAS
EXPORTACOES NO
EMPREGO
REGIONAL: UM
ASPECTO POUCO
CONSIDERADO NA
POLITICA DE
DESENVOLVIMENT
O DO NORDESTE

A falta e a precariedade das informações para a década passada, aliadas à incerteza e ao pessimismo na economia naqueles anos, dificultam o entendimento dos fatores explicativos dessa reversão em todo o comércio nordestino. Mesmo assim, o quadro favorável em 1975/83 sugere que o crescimento sustentado das exportações, longe de ser um fenômeno puramente conjuntural, refletiu as mudanças estruturais experimentadas pela indústria de transformação — principal setor exportador da região. Essa visão sucinta do que foram as relações comerciais da região fornece um quadro para a compreensão da importância do comércio como fator determinante do comportamento da renda e do emprego regional.

Para se ter uma idéia do significado das mudanças ocorridas, apresentamos, na tabela 1, para os anos de crescimento sustentado das exportações inter-regionais, o peso relativo dos fluxos de comércio e do déficit comercial no PIB regional — segundo regiões de origem e destino — com destaque para o estado de São Paulo e as demais regiões.

O que os resultados ali coligidos evidenciam era esperado. Primeiro, apesar do caráter recorrente, os déficits comerciais para os anos considerados são significativamente inferiores aos observados no final dos anos 60, conforme foi referido no capítulo anterior. Em segundo lugar, é incontestável o peso relativo da indústria no comércio inter-regional, quando com-

¹¹ Segundo Maia Gomes e Vergolino (1994, p. 41-5), em 1991, o déficit teria alcançado 10,6% do PIB; eles notaram também que, enquanto as exportações brasileiras cresceram pouco a partir de 1974, as do Nordeste decaíram de forma sustentada até 1992; a relação exportações internacionais/PIB regional era igual a 8,6% em 1960; em 1993, caiu para metade dessa proporção: 4,1%.

parada à agropecuária — setor mais direcionado para o mercado local.¹²

TABELA 1

Nordeste: Participação das Exportações e Importações no PIB Regional 1975/1980/1985

(Em porcentagem)

Discriminação	Produtos da Agropecuária			Prod. das Indúst. Ext. Min. e Transf.			Total		
	1975	1980	1985	1975	1980	1985	1975	1980	1985
Total de Exportações	2,1	1,9	1,7	14,9	20,1	17,6	17,0	22,0	19,2
Comércio inter-regional	0,5	0,7	0,5	7,7	14,4	11,7	8,2	15,2	12,2
Sao Paulo ¹	0,4	0,3	0,2	7,2	8,7	8,3	7,7	9,0	8,5
Outras regiões	0,1	0,4	0,3	0,4	5,8	3,4	0,5	6,2	3,7
Comércio internacional	1,6	1,2	1,2	7,2	5,6	5,9	8,8	6,8	7,0
Total de Importações	2,3	1,2	1,3	23,1	31,2	20,0	25,4	32,4	21,3
Comércio inter-regional	2,2	1,2	0,8	20,5	27,8	18,3	22,8	29,0	19,1
São Paulo	1,6	0,4	0,3	19,6	17,7	11,2	21,2	18,1	11,4
Outras regiões	0,6	0,8	0,6	0,9	10,1	7,1	1,5	10,9	7,7
Comércio internacional	0,1	0,1	0,5	2,6	3,3	1,7	2,6	3,4	2,2
(X-M)/PIB	-0,2	0,7	0,3	-8,2	-11	-2,4	-8,4	-10	-2,1

Fonte: SUDENE/CPR/CR — comércio por vias internas e PIB; MF/CIEF E BB/CACEX — comércio internacional.

Nota: ¹ Em 1975, região Sudeste.

Obs.: Os dados de 1985 não incluem o estado da Bahia.

É evidente a importância do estado de São Paulo como mercado das empresas regionais, embora tenha ocorrido, entre 1975 e 1980, um crescimento expressivo de seus mercados em outras regiões do país, fato que, entretanto, não obscurece o significativo papel do comércio com São Paulo na redu-

¹² No ano de 1985, as exportações de produtos industriais, predominantemente bens intermediários, representavam 91,5% do total exportado pela região.

ção do quociente déficit/PIB regional, entre os extremos do período.

Com efeito, em termos do PIB, o déficit com São Paulo era, em 1975, de 13,5%, e de 1,0%, em relação às demais regiões. Em 1985, a situação mudou significativamente: o déficit com São Paulo reduziu-se para 2,9%; em relação às outras regiões do país, elevou-se para 4,0%.

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

3.2 O Impacto do Comércio no Emprego da Indústria Regional

Na análise dos impactos do comércio no emprego industrial serão abordados dois aspectos. O primeiro é o do exame desses efeitos no curto prazo. O segundo envolve o horizonte temporal da realização de novos investimentos na indústria de transformação, o que se convencionou chamar de longo prazo.

De uma perspectiva de curto prazo, a utilização do modelo aberto de insumo-produto envolve algumas hipóteses. Como é inerente a esse modelo, não há restrições de oferta. Isso significa que, para expandir a produção, além da existência de excedente de oferta de mão-de-obra, é necessária também pronta oferta de outros insumos *domésticos* e capacidade ociosa.

A existência de um excedente de mão-de-obra — o traço mais saliente do mercado de trabalho regional — por si só preenche a primeira das duas condições, embora se argumente que a restrição relevante, no caso, é de oferta de mão-de-obra qualificada.

A segunda condição, que implicitamente supõe a existência de uma oferta perfeitamente elástica de outros insumos, pode ser atendida se forem asseguradas as seguintes condições: (i) a expansão da produção se basearia na existência de capacidade ociosa na indústria de transformação regional; e (ii) aumentos imediatos na demanda agregada poderiam ser atendidos via importações.

Conforme observou Souza (1995), os coeficientes diretos de trabalho aumentaram, entre 1980 e 1985, nas atividades de bens não duráveis de consumo, o que sugere a existência de excesso de capacidade nessa área. Nas atividades de bens intermediários, nas quais provavelmente ocorreu crescimento da produtividade, tais coeficientes reduziram-se.

A segunda pré-condição tem relevância apenas conceitual. Primeiro, porque, no caso regional, com o padrão monetário comum e a ausência de barreiras alfandegárias (exceto as eventuais fricções causadas pela incidência fiscal inter-regional), os fluxos de comércio são livres. Desse modo, qualquer aumento de oferta, além da capacidade *doméstica*, pode ser atendido via crescimento de déficit regional, desde que, em contrapartida, haja uma entrada líquida de capitais como forma de *financiamento*.

O aspecto do longo prazo é pertinente aqui como um contraste para o entendimento do curto prazo. Com efeito, a hipótese de curto prazo é plausível considerando-se que a economia brasileira experimentou um período de recessão no intervalo em análise, o que presumivelmente daria substância à suposição de existência de excesso de capacidade na indústria regional.

O contraste, no caso, refere-se às possibilidades limitadas de expansão da renda e do emprego no curto prazo, via efeitos multiplicadores, comparadas ao longo prazo, quando uma noção clara da dimensão temporal, ao longo da qual se propagam esses efeitos, é mais nítida. Em suma, por suas características, o modelo adotado pode ser útil para uma aproximação dos problemas do curto prazo, mas é muito limitado para tratar de questões de longo prazo, mesmo quando existe mais de uma matriz de períodos diferentes. Tais observações devem ser levadas em conta na análise, feita a seguir, dos resultados do impacto das exportações de produtos industriais no emprego das indústrias de transformação e extrativa mineral.

Os resultados serão analisados para o comércio de produtos industriais segundo todos os seus usos no comércio inter-regional e internacional; o primeiro será desdobrado para se destacar a importância regional da incidência de seu impacto.

O IMPACTO DAS EXPORTAÇÕES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

TABELA 2

Nordeste: Impacto do Comércio Inter-Regional e Internacional no Emprego da Indústria de Transformação e Extrativa Mineral — 1980/1985

Discriminação	Indústria de Transformação								Total	
	Bens Não Duráveis de Consumo		Bens Intermediários		Bens Dur. Consumo e de Capital		Ind. Extrativa Mineral			
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985
Total do Emprego Vinculado às Exportações										
A-Emprego gerado pelas exportações (B+C) (em 1000 pessoas)	59,2	91,2	41,6	102,0	12,1	19,9	3,6	1,2	116,5	214,3
(%) do emprego no subsetor	30,8	28,0	25,0	53,0	22,0	28,0	13,0	7,0	26,0	35,0
Número de pessoas por Cr\$ bilhões de exportações (em 1000 pessoas)	0,4	0,44	0,27	0,47	0,57	1,2	0,54	0,21	0,35	0,6
B-Emprego gerado pelas exportações por vias internas (em 1000 pessoas)	31,1	57,1	37,6	74,3	11,4	19,3	2,4	0,9	82,5	151,6
(%) do emprego no subsetor	16,2	17,6	22,3	38,4	20,7	27,5	8,4	6,0	18,5	25,1
Número de pessoas por Cr\$ bilhões de exportações (em 1000 pessoas)	0,39	0,83	0,28	0,5	0,59	1,2	0,54	0,21	0,35	0,63
Emprego Dependente das Exportações para São Paulo										
B.1-Número de pessoas (em 1000)	18,0	37,2	15,9	46,4	5,0	10,3	0,9	0,2	39,8	94,1
(%) do emprego no setor	9,4	11,5	9,5	24,0	9,1	14,7	3,2	1,6	8,9	15,6
(%) do emprego vinculado ao total de exportações	30,4	40,8	38,2	45,5	41,3	51,8	25,0	16,7	34,2	43,9
(%) do emprego vinculado às exportações inter-regionais	57,9	61,5	42,3	62,4	43,8	53,3	37,5	22,2	48,2	62,2

PLANEJAMENTO E
POLÍTICAS PÚBLICAS
Nº 16- DEZ DE 1997

Número de pessoas por Cr\$ 0,39 0,85 0,21 0,44 0,54 1,30 0,54 0,21 **0,30 0,60**
bilhões de exportações (em 1000
pessoas)

(continua)

(continuação)

Discriminação	Indústria de Transformação								Total	
	Bens Não Duráveis de Consumo		Bens Intermediários		Bens Dur. Consumo e de Capital		Ind. Extrativa Mineral			
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985
Emprego Dependente das Exportações para Outras Regiões										
B.2-Número de pessoas (em 1000)	13,1	19,9	21,7	27,8	6,4	8,9	1,5	0,7	42,7	57,3
(%) do emprego no setor	6,8	6,1	12,9	14,4	11,6	12,8	5,2	4,4	9,6	9,5
(%) do emprego vinculado ao total de exportações	22,1	21,8	52,2	27,3	52,9	44,7	41,7	58,3	36,6	26,7
(%) do emprego vinculado às exportações inter-regionais	42,1	34,8	57,7	37,4	56,1	46,1	62,5	77,8	51,7	37,8
Número de pessoas por bilhões de exportações (em 1000 pessoas)	Cr\$ 0,41	0,80	0,20	0,61	0,48	1,10	0,54	0,21	0,41	0,71
Emprego Dependente das Exportações para o Exterior										
C-Emprego gerado pelas exportações para o mercado externo (em 1000 pessoas)	28,1	34,1	4,0	27,7	0,7	0,6	1,2	0,3	34,0	62,7
(%) do emprego no subsetor	14,6	10,5	2,4	14,3	1,2	0,8	4,2	1,6	7,7	10,4
Número de pessoas por bilhões de exportações (em 1000 pessoas)	Cr\$ 0,41	0,69	0,2	0,4	0,48	1,1	0,54	0,21	0,38	0,53

Fonte: A partir do modelo e das informações estatísticas apresentadas no capítulo 2 deste trabalho.

3.2.1 O Comércio Inter-Regional e o Comércio Internacional

Na tabela 2, estão resumidos, para os anos de 1980 e 1985, os resultados do impacto total (direto e indireto) do comércio inter-regional e do comércio internacional na oferta de emprego, destacando-se, no primeiro caso, o estado de São Paulo e as demais regiões do país.¹³ Os dados indicam que,

¹³ As estimativas foram feitas para uma agregação de 36 atividades que incluem, além dos 22 gêneros industriais classificados em dois dígitos, a

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

em 1985, o emprego de cerca de 214 mil pessoas na região dependia das exportações da indústria de transformação e da extrativa mineral para as demais regiões brasileiras e para o resto do mundo. Em outras palavras, isso correspondia a mais de um terço dos empregos na indústria (35,5%), um quarto do quais (25,1%) era vinculado às exportações por vias internas, e um décimo (10,4%), às vendas para o exterior.

Em comparação com o ano de 1980, percebe-se que cresceu a participação do emprego dependente das exportações na oferta de emprego de toda a indústria, o que sugere uma perda de importância do emprego vinculado aos demais componentes da demanda agregada.

Esse crescimento da participação do emprego vinculado às exportações da indústria tem componentes diferentes. De fato, enquanto se reduz, entre 1975 e 1980, o peso do subsetor de bens não duráveis de consumo e o da indústria extrativa mineral, aumenta significativamente a participação do subsetor de bens intermediários na oferta de emprego, mesmo em termos absolutos, e, em menor intensidade, a do setor de bens duráveis de consumo e de capital. Juntos, esses dois subsetores já respondiam, em 1985, por mais da metade da oferta de emprego vinculada às exportações (57%).

Isso tem implicações importantes no que se refere ao problema do emprego regional. Parece plausível supor que as mudanças na estrutura produtiva da região, em particular pela implantação da nova indústria, devem ter contribuído para alterar seu potencial empregador. Em síntese, tal potencial deve ter aumentado nas indústrias intensivas em capital, mais integradas inter-regionalmente, enquanto se reduzia nas indústrias intensivas em trabalho —fato preocupante quando se sabe que se trata de uma região com excedente de oferta de mão-de-obra.

agropecuária, as demais atividades do setor secundário e os serviços. Neste trabalho, utilizam-se os resultados apenas para a indústria classificada segundo os usos. As estimativas da tabela 2 foram obtidas a partir do modelo e das informações estatísticas apresentadas no capítulo 2.

Outra forma de examinar o potencial de emprego das exportações dos diferentes subsetores da indústria pode ser alcançada relacionando-se o número de empregos requeridos por valor exportado. Os resultados revelam, em primeiro lugar, que, aparentemente, houve um crescimento generalizado do potencial de criação de emprego das exportações. Com efeito, nota-se que, para cada bilhão de Cr\$ exportado (a preços de 1980), essa relação, para toda a indústria (exceto a extrativa mineral) elevou-se de 350 para 600 homens/ano, entre os dois anos considerados.

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

É possível que as exportações da indústria de transformação tenham se tornado mais intensivas em trabalho. Isso teria ocorrido porque, de fato, esses resultados devem estar refletindo, muito provavelmente, apenas uma elevação do uso da capacidade — hipótese já sugerida a partir da constatação do crescimento dos coeficientes diretos de trabalho da maioria das atividades industriais.

Em segundo lugar, percebe-se também que, excetuando-se a indústria extrativa mineral e o subsetor de bens não duráveis de consumo, para o ano de 1980, as exportações inter-regionais (as mais importantes pela dimensão relativa do mercado interno) são mais intensivas em trabalho.

3.2.2 O Comércio com São Paulo e com as Demais Regiões Brasileiras

Já foi observado que o déficit comercial inter-regional, enquanto se elevou com as demais regiões brasileiras, reduziu-se em relação ao estado de São Paulo. Por isso, na análise dos impactos do comércio no emprego, esse estado foi separado das outras regiões, para se captar o peso dos diferentes subsetores industriais e avaliar-se a importância da mudança verificada na composição do déficit.

Uma comparação dos resultados da tabela 2 mostra que, visto globalmente, o efeito do crescimento do mercado de São Paulo para as exportações regionais foi o de expandir a ofer-

ta de emprego industrial dependente das exportações inter-regionais, que se elevou de quase metade (48,2%), em 1980, para quase dois terços (62,2%), em 1985, enquanto se reduzia o peso das demais regiões, entre aqueles dois anos. Com efeito, o emprego vinculado às exportações para as outras regiões, se representava mais da metade do emprego gerado pelas exportações inter-regionais (51,7%) no primeiro ano, cai para pouco mais de um terço (37,8%) em 1985.

No nível dos subsetores, percebe-se que em quase todos a participação no emprego vinculado às exportações para São Paulo cresceu significativamente. A única exceção foi a redução (de 3,2% para 1,6%) no total da oferta de emprego na indústria extrativa mineral, entre os dois anos considerados.

Em contrapartida, a participação setorial do emprego vinculado às exportações para outras regiões sofreu uma pequena redução, explicada principalmente por uma elevação pouco expressiva nos subsetores de bens intermediários e bens duráveis de consumo e de capital, e por uma redução na indústria extrativa mineral e no subsetor de bens não duráveis de consumo.

4 Contribuição do Comércio e dos Demais Fluxos da Demanda Agregada: Uma Síntese

4.1 Significado do Comércio e dos Demais Fluxos

Até aqui, nosso esforço, em que pese o limitado espaço, foi orientado para salientar dois aspectos interdependentes na determinação do emprego regional. De um lado, as mudanças estruturais da expansão industrial, que devem ter afetado o potencial dos efeitos multiplicadores do emprego e da renda a partir da indústria de transformação. De outro, o papel do comércio inter-regional — um aspecto de destaque graças à importância das exportações de produtos industriais (principalmente de bens intermediários) para São Paulo.

Nesse contexto, estamos acrescentando alguns dados gerais sobre os demais componentes da demanda agregada como

complemento à análise dos fluxos de comércio e sua influência no emprego regional. É nesse sentido que aqui incluímos o total do investimento bruto em capital fixo, decomposto em investimento privado e público; o consumo do governo; e, para cotejo, o total das exportações inter-regionais e internacionais. Todos serão analisados na ótica de sua participação no produto interno bruto regional.

O que aconteceu com o consumo privado, um dos principais componentes da demanda agregada, somente pode ser interpretado de forma impressionista. Simplesmente não existem informações estatísticas sobre essa importante variável.

A tabela 3 apresenta a relação dessas variáveis com o PIB regional, para o período 1975/1991, exceto no caso das exportações, para as quais somente há dados para as exportações por vias internas até 1985 (exceto 1984).¹⁴

Começando pela formação bruta de capital fixo, percebe-se que os investimentos privados consolidaram seu ponto mais elevado em 1976, enquanto as decisões de investir no setor público possibilitaram o adiamento de uma queda mais acentuada, cujo início se configurou a partir de 1979. Desde esse ano, e com oscilações em 1982/1983, a formação de capital declinou fortemente até 1986/1987, alcançando seu nível mais baixo, no caso do setor público, em 1986 (no setor privado, em 1985).

Até 1985, as exportações se expandiram de forma sustentada, e alcançaram seu cume justamente em 1983, quando o peso da formação de capital fixo total no PIB regional era levemente superior. Em 1985, a participação das exportações no PIB regional superou a da FBKF. Não se sabe o que aconteceu depois desse ano, em termos da comparação entre as exportações e os demais componentes, porque os dados do comércio, para 1991, baseiam-se numa estimativa muito precária [IAF (1993)].

¹⁴ Para período mais recente, existem informações apenas das exportações para o resto do mundo.

O consumo do governo, que teve expressão tão importante (em termos de sua participação no PIB) quanto o investimento público, quando superou aquele em 1981/1982, reduziu-se, em 1984, e voltou a crescer, com oscilações, entre 1987 e 1991. A relevância do consumo do governo é o papel que deve ter tido para manter o nível do emprego, como veremos na seção seguinte, quando atuou também, juntamente com as atividades privadas exportadoras e a absorção de trabalho no mercado informal, para reduzir os efeitos negativos da recessão no nível de emprego regional.

TABELA 3

Nordeste: Participação dos Componentes da Demanda Agregada no PIB Regional, Exceto Consumo Privado — 1975/1991

(Em porcentagem)

Anos	Total	FBKF/PIB			X/PIB
		Setor Privado	Setor Público	G/PIB	
1975	24,1	14,3	9,7	11,6	17,1
1976	27,7	16,5	11,1	12,2	15,6
1977	26,6	15,1	11,5	11,7	16,3
1978	26,7	14,2	12,5	11,7	16,7
1979	24,8	13,5	11,3	11,4	17,2
1980	22,2	12,1	10,0	10,7	21,9
1981	21,0	11,6	9,4	10,9	21,5
1982	21,7	12,0	9,7	10,1	20,3
1983	23,3	11,5	11,8	10,2	23,1
1984	18,6	8,9	9,6	9,7	-
1985	18,5	9,2	9,3	10,6	20,3
1986	17,9	9,4	8,4	11,8	-
1987	20,4	11,0	9,5	12,0	-
1988	20,8	10,4	10,4	10,7	-
1989	22,2	10,8	11,4	11,6	-
1990	18,9	9,6	9,3	12,0	-
1991	21,2	10,9	10,3	8,3	-

Fonte: SUDENE/CPR e MF/CIEF — Exportações totais Brasil; demais componentes, SUDENE (1994).

Obs.: FBKF — formação bruta de capital fixo; G — Consumo do governo; X — total das exportações.

4.2 Absorção da Força de Trabalho Urbana no Período

O IMPACTO DAS
EXPORTACOES NO
EMPREGO
REGIONAL: UM
ASPECTO POUCO
CONSIDERADO NA
POLITICA DE
DESENVOLVIMENT
O DO NORDESTE

Em trabalho sobre o comportamento da oferta de emprego no setor organizado da economia brasileira ao longo dos anos 80, Guimarães Neto (1990) observa que, ao contrário do que ocorreu com as regiões mais desenvolvidas, nas regiões periféricas do país o nível de emprego industrial manteve-se e apresentou crescimento digno de registro.

Em parte, no caso do Nordeste, esse fato está relacionado ao crescimento diferenciado de seu produto interno. De fato, ao comparar esta à situação dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o referido autor constatou que, enquanto na região Nordeste o PIB cresceu, entre 1980 e 1988, 5,1% a.a., naqueles estados as cifras foram, respectivamente, 2,1% e 0,7% a.a.

Com o uso da mesma base de informações estatísticas, os registros de Painel Fixo da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), para o período analisado por aquele autor, retomamos o tema para discutir por que a indústria regional manteve e sustentou o crescimento do emprego.

Como se reconhece no trabalho de Guimarães Neto, nossa tentativa também não escapará, até certo ponto, de ser descritiva, até certo ponto porque, insistindo em nossa hipótese, sustentamos que, muito provavelmente, no caso da indústria de transformação, a expansão das exportações — que refletiu as mudanças na estrutura do setor — cumpriu um papel importante ao atuar, em parte, como freio do declínio acelerado do nível de emprego regional.

Para ilustrar o argumento, os dados do comportamento da oferta de emprego da indústria de transformação, no período 1979/1988, estão relatados na tabela 4, numa comparação inter-regional, com os dados globais do país como referência. Percebe-se que o emprego industrial, enquanto, na região, manteve-se no nível de 1979 em 1983 (o ano mais crítico da recessão), na indústria do país, e em particular no Sudeste,

sofreu uma queda acentuada a partir de 1981, e atingiu seu menor nível em 1983.

Enquanto isso, a região Norte e a Nordeste, em particular, conseguiram manter seu nível de emprego na indústria. Certamente, as características da estrutura industrial de ambas, com uma marcante articulação inter-regional, possibilitaram sustentar o nível de emprego no setor. Na região Norte, isso ocorreu graças à importância do setor de material elétrico e comunicações, o qual deve ter mantido suas exportações para as demais regiões brasileiras.

TABELA 4

Brasil e Grandes Regiões: Índice de Emprego da Indústria de Transformação — 1979/1988

(Base 1979=100)

Discriminação	Anos									
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	
Brasil	102,1	92,5	92,0	85,7	90,6	98,8	109,6	105,2	104,7	
Norte	113,2	102,9	104,3	98,8	98,9	115,8	135,4	132,5	131,5	
Centro-Oeste	103,9	96,9	99,6	98,5	104,3	112,0	124,1	118,2	123,9	
Sudeste	101,4	90,0	89,0	81,9	87,3	95,3	105,9	100,5	99,6	
Sul	105,0	96,8	95,5	91,1	95,2	102,6	112,8	109,4	109,3	
Nordeste										
Ind. Transformação	105,5	101,0	105,1	100,1	103,7	112,7	125,1	125,3	127,1	
Min. não metál.	104,3	94,7	94,7	75,8	76,5	87,1	96,9	97,1	95,0	
Metalúrgica	107,1	87,0	91,0	78,0	75,4	83,1	104,0	99,7	91,5	
Mecânica	98,8	101,8	92,4	77,2	80,7	77,2	90,6	83,6	78,4	
Mat. elet. comun.	98,1	84,6	92,3	77,9	72,1	76,9	93,3	94,2	86,5	
Mat. transporte	108,8	108,8	117,6	126,5	135,3	141,2	152,9	144,1	147,1	
Madeira	103,7	92,0	86,5	76,1	73,6	79,8	95,7	93,3	87,1	
Mobiliário	94,9	86,4	90,7	72,0	68,6	78,0	92,4	86,4	81,4	
Papel e papelão	109,1	122,1	120,8	118,2	124,7	128,6	131,2	116,9	119,5	
Química	101,5	97,6	97,9	99,4	104,3	113,1	116,8	121,1	121,7	
Mat. plásticas	126,4	108,8	106,6	95,6	101,1	98,9	128,6	134,1	129,7	
Têxtil	103,4	87,1	84,4	68,9	75,5	84,9	97,5	101,9	99,0	
Vest. calç. tecidos	100,6	101,5	112,2	101,7	104,1	115,6	146,1	133,3	130,9	
Prod. alimentares	110,0	114,1	122,6	128,7	136,9	148,3	150,6	153,1	164,1	

Editorial e gráfica 96,1 94,5 100,0 103,1 104,7 110,2 120,5 126,8 122,8

Fonte: Ministério do Trabalho — RAIS/Painel Fixo.

O IMPACTO DAS
EXPORTACOES NO
EMPREGO
REGIONAL: UM
ASPECTO POUCO
CONSIDERADO NA
POLITICA DE
DESENVOLVIMENT
O DO NORDESTE

No caso do Nordeste, tomando-se o comportamento das exportações da indústria de transformação, nota-se que houve, de fato, crescimento surpreendente em algumas atividades. Entre os anos de 1980 e 1985, as exportações da indústria de vestuário, calçados e tecidos cresceram 8,7% a.a., 3,9% a.a. e 28,5% a.a. para São Paulo, as demais regiões e o exterior, respectivamente. No mesmo período, a indústria química expandiu suas exportações para aquele estado em 4,9% a.a., e em 28,8% a.a. para o exterior. Ao mesmo tempo, as vendas de matérias plásticas cresciam em 39,9% a.a. para o resto do mundo. Isso é um indício de que houve redirecionamento das vendas da petroquímica para o mercado externo.

A indústria de material de transporte também sustentou a manutenção do nível de emprego em suas exportações, com expansão de 6,7% a.a. para São Paulo e 43% a.a. para o exterior. Trata-se, nesse caso, de exportações de autopeças, carrocerias, baterias, etc.

A indústria de produtos alimentares deve ter assegurado sua oferta de emprego, principalmente com base no consumo regional. A referência a essa atividade se justifica pelo fato de representar, juntamente com vestuário, calçados e tecidos, a maior participação no total do emprego da indústria de transformação regional.¹⁵

Em resumo, o cruzamento dos dados do comportamento do mercado dessas atividades com as informações do nível de emprego, mostrados na tabela 4, revela que, muito provavelmente, as exportações industriais devem ter exercido, como suspeitamos, um papel muito importante para manter o nível de emprego na indústria de transformação regional.

¹⁵ O cálculo das taxas de crescimento das exportações encontra-se em Souza (1995).

Afora este setor, e algumas atividades dos serviços como os intermediários financeiros, os serviços pessoais e comerciais foi o setor público o mais importante sustentáculo do nível de emprego urbano na região Nordeste, entre 1979 e 1988, pelo peso que detém no total do emprego no terciário.¹⁶ Com efeito, enquanto no país o emprego na administração pública expandiu-se 63% em relação à 1979, no Nordeste, esse crescimento foi de 99% [Guimarães Neto (1990)].

5 À Guisa de Conclusão

Uma síntese dos resultados sugere as seguintes conclusões preliminares: primeiramente, no que se refere às relações comerciais, parece evidente que, entre 1975 e 1985, a contribuição do comércio para o crescimento da renda e do emprego regionais foi positiva. Isso ocorreu apesar de o Nordeste manter sua condição deficitária no comércio, explicada por suas relações comerciais com as demais regiões brasileiras. Mesmo assim, o déficit do comércio inter-regional diminuiu — foi importante a sua redução em relação ao estado de São Paulo —, mas elevou-se frente aos demais estados. Com efeito, o peso de São Paulo, se em 1975 representava 94% do déficit inter-regional, reduziu-se para 51%, em 1985.

Em segundo lugar, essa alteração na composição do déficit comercial inter-regional é o resultado de mudanças estruturais importantes na indústria regional, que a consolidaram como produtora de bens intermediários, em sua quase totalidade exportados para o Sudeste. Em terceiro lugar, as mudanças observadas manifestaram-se ao mesmo tempo em que perdeu importância a participação regional no comércio internacional — fato que teve como efeito uma redução do superávit comercial com o exterior.

¹⁶ Sem dúvida, parte importante do ajustamento do mercado de trabalho deu-se com o crescimento de ocupações no mercado informal, e este também contribuiu para mitigar o problema do desemprego no período analisado.

Quanto ao impacto no emprego regional, sustenta-se, neste trabalho, a hipótese de que as exportações das indústrias de transformação e extrativa mineral da região, em particular as da primeira, tiveram um papel importante para atenuar o declínio no nível de emprego formal da região, durante a recessão da economia brasileira, entre 1981 e 1983.

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

Obviamente, esse não é um fato isolado. Com efeito, o crescimento sustentado das exportações da indústria, que contribuíram para o crescimento do emprego regional entre 1975 e 1985, expressa o efeito das mudanças induzidas pelos investimentos feitos no setor, em particular na indústria de transformação. Ao mesmo tempo, os ramos industriais que mais contribuíram para expandir a oferta de emprego no setor são os mais intensivos em capital, e o esforço ali requerido para criar cada novo emprego é muito maior. Esse aspecto tem implicações importantes em termos de política.

Está claro que, neste artigo, a abordagem do que se denominou problema do emprego regional é setorial e se restringe ao chamado setor organizado ou formal, e, nesse contexto, destaca-se o papel das exportações. Em outras palavras, temos a convicção de que o chamado problema do emprego não foi solucionado.

Essa constatação não deve, entretanto, impedir-nos de notar que: (i) o crescimento é um requisito necessário, embora não suficiente, para gerar emprego e renda; (ii) as exportações podem também contribuir, ainda que modestamente, para gerar empregos produtivos, indispensáveis para modernizar as relações de trabalho e elevar a produtividade; (iii) a oferta de emprego regional no setor formal pode ser potencializada na medida em que novos projetos industriais contribuam para elevar o valor agregado do setor; (iv) é importante considerar que esses projetos têm também um efeito indireto no emprego, seja por meio dos multiplicadores intersetoriais ou da elevação da renda; e (v) a relevância desse último ponto não deve ser subestimada: pode ser significativo o impacto de

PLANEJAMENTO E
POLÍTICAS PÚBLICAS
Nº 16- DEZ DE 1997

novos projetos industriais nas micro e pequenas empresas
da região Nordeste.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Tania B. Crescimento industrial do Nordeste: para quem e para quê. *Revista Pernambucana de Desenvolvimento*, Recife, v.8, n.1, p.11-20, jan./jun. 1981.

O IMPACTO DAS EXPORTACOES NO EMPREGO REGIONAL: UM ASPECTO POUCO CONSIDERADO NA POLITICA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL e INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS — IPEAD. *Matriz de insumo-produto para a economia do Nordeste — 1980 e 1985.*— Fortaleza: BNB/ETENE, ago. 1992.

BRASIL.SUDENE. Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste.* 2ª edição.— Recife: GTDN, 1967.

_____. *Importações e exportações do Nordeste do Brasil 1974-80.*— Recife: SUDENE/CPR, 1985.

_____. *Agregados econômicos regionais — produto interno, formação de capital e consumo do governo, 1965 — 92.*— Recife: SUDENE-DPG, 1994.

GOODMAN, D. E. e ALBURQUERQUE, R. C. *Incentivos à industrialização e desenvolvimento do Nordeste.*— Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1974. (Relatórios de Pesquisa, n.20)

GUIMARÃES NETO, L. O mercado de trabalho na década perdida. *São Paulo em Perspectiva*, v.4, n.3/4, p.6-15, jul./dez. 1990.

IAF — Instituto de Administração Fazendária. *Matriz de transações interestaduais.*— Recife: Governo do estado de Pernambuco/Secretaria da Fazenda, 1993. mimeo

LEONTIEF, W. *The structure of the american economy, 1919-1939*. 2ª ed.— New York: Oxford University Press, 1960.

MAIA GOMES, G. e VERGOLINO, J. R. *A macroeconomia do desenvolvimento nordestino: 1960/1994* (Cenários para as próximas décadas).— Recife: UFPE, Projeto Áridas, out. 1994.

SINDEAUX, C.; QUEIROZ, W. e CHAVES, E. *Projeto Áridas: financiamento do desenvolvimento*. Relatório final ao Projeto Áridas. — Fortaleza: set. 1994. mimeo

SOUZA, A. do Vale. *Proposta de um modelo para a matriz de insumo-produto para a economia do Nordeste — 1980*.— Recife: UFPE/PIMES, fev. 1992. (Texto para Discussão, n.266)

_____. *Limites e possibilidades de expansão do emprego num contexto de integração regional: o caso do Nordeste do Brasil*. mar. 1995. Tese apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do grau de doutor em economia.

(Originais recebidos em junho de 1997.Revistas em dezembro de 1997)

O IMPACTO DAS
EXPORTACOES NO
EMPREGO
REGIONAL: UM
ASPECTO POUCO
CONSIDERADO NA
POLITICA DE
DESENVOLVIMENT
O DO NORDESTE